



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, cerimônia de inauguração das residências do Projeto Habitar Brasil (HBB) em Lauro de Freitas**

**Lauro de Freitas-BA, 21 de março de 2006**

Meus queridos companheiros e companheiras de Lauro de Freitas,  
Meus queridos e queridas companheiras da Bahia,  
Minha querida e eterna companheira Moema Isabel Gramacho, prefeita de Lauro de Freitas,

Meus queridos companheiros ministros Márcio Fortes, Gilberto Gil, Waldir Pires e Matilde Ribeiro, nossa secretária especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial,

Meu querido companheiro Jaques Wagner, ministro da Coordenação Política,

Companheiros deputados federais,

Deputados estaduais,

Secretários municipais,

Prefeitos, eu encontrei pelo menos dois prefeitos aqui, o Frei Dílson, de Itamaraju, e o Caetano, de Camaçari,

Joseildo, de Alagoinhas, está aí, eu também não vi.

A Cecília está aí.

Eu não vi todos os prefeitos. Mas uma coisa eu vi, meu caro, se posso chamá-lo de coordenador, maestro, sei lá o que você é, o chefe da turma, em dois meses você fez essa meninada aprender a batucar, três meses? Até eu vou sair daqui com a esperança de que um dia eu vou aprender a tocar timba. Sabem que eu tenho uma vontade de aprender a tocar timba e não consigo? Acho que eu não tenho coordenação motora. E se você conseguiu pegar essa



meninada numas férias e fazer essa meninada fazer tudo isso, porque eu não posso aprender, se dizem que depois que a gente passa dos 60 anos a gente volta a ser criança? Então, eu posso voltar a aprender muita coisa.

Mas eu queria dizer para vocês da minha alegria de estar aqui, outra vez, na Bahia. Nós fomos a Cachoeira, onde mais, Wagner? Fomos a Cruz das Almas, nós fomos lançar a Universidade Federal lá. Viemos aqui, agora, participar da inauguração das casas e a gente também ia participar da inauguração de uma avenida que ela está fazendo, mas não vamos poder por causa do horário. Eu tenho que ir, ainda, aos Alagados e ao metrô de Salvador. Eu queria ter umas poucas palavras com vocês.

Primeiro, é preciso ter a compreensão de que o Brasil não estava habituado a ver os governantes olharem para a parte mais pobre da população. No Brasil, pobre só era olhado com importância em época de eleição. Fora da eleição, pobre é esquecido até as próximas eleições.

É por isso que, de vez em quando, eu sou criticado porque dizem que eu estou gastando muito dinheiro com pobre, quando deveria estar fazendo estradas, quando deveria estar fazendo outras coisas. No Brasil, toda vez que a gente investe dinheiro em um grande projeto industrial, que a gente constrói uma grande estrada, uma ponte, um viaduto, isso é tratado como se fosse investimento. Toda hora que a gente investe dinheiro no pobre, isso é tratado como gasto quando, na verdade, colocar dinheiro para ajudar os pobres é investimento em ser humano, investimento em mulher, em criança, em homem, que resulta na melhoria das condições de vida da pessoa e na recuperação da auto-estima da sociedade brasileira.

Minha querida Moema, nós saímos, em março de 2003, de um investimento em programas sociais de sete bilhões de reais para, em 2006, investirmos 22 bilhões de reais para cuidar das mulheres, das crianças, dos adolescentes e dos idosos neste país. Nós achamos que o governo tem governar para todos mas, prioritariamente, ele precisa olhar para aqueles que



mais necessitam, que é a parte mais pobre da sociedade. Os ricos já aprenderam a andar com as suas próprias pernas, já conseguem ser donos do seu nariz, a parte pobre da população é que precisa de melhoria de condições de vida. É por isso que a Caixa Econômica, este ano, tem 18 bilhões e 700 – na verdade, não é a Caixa Econômica, é todo o dinheiro que nós temos para investir em habitação –, são 18 bilhões e 700 milhões de reais, dos quais 10 bilhões serão investidos em habitações para quem ganha até cinco salários mínimos, e oito bilhões a gente vai investir para o setor médio da sociedade, que tem muita gente da classe média que também precisa comprar uma casa e nós temos que financiar.

Mas, o mais importante de tudo é que nós estamos provando que, na medida em que o governo dedica uma parte do seu tempo para cuidar da parte mais pobre da população, os resultados aparecem imediatamente. Em apenas dois anos de governo, nós já tiramos três milhões de brasileiros de baixo da linha da pobreza e demos a eles um pouco de cidadania. Quando uma cidade do tamanho de Lauro de Freitas já tem 11 mil famílias recebendo Bolsa Família, significa que tem 11 mil famílias podendo tomar um café da manhã ou almoçar uma coisa a mais que não conseguia almoçar. E, para isso, nós continuaremos pensando em como fazer as políticas públicas do governo atenderem, cada vez mais, a parte mais pobre da população.

Estamos aqui visitando 239 casas que foram construídas. Além destas 239, tem 300 casas que receberam melhorias, como esgotamento sanitário, ou seja, uma série de benefícios, e nós sabemos que isso ainda é pouco diante da necessidade. Eu não sei como é a escola aqui, minha cara Moema, mas essa cidade, pelo que eu vi, tem muita criança. E é por isso que nós mandamos um projeto de lei chamado Fundeb, que é o Fundo Nacional de Educação Básica, para que a gente cuide das crianças da creche até o ensino profissional, para que a gente possa melhorar a formação das nossas crianças.



É por isso que nós aumentamos de oito para nove os anos de permanência de uma criança na escola. Porque hoje, como é que é? Uma pessoa que pode pagar uma pré-escola, a sua criança entra na escola com seis anos; a outra, que não pode pagar e a prefeitura ou o Estado não oferece, essa criança entra na escola com sete. Ora, se uma entra com sete na escola, sem nunca ter ido à escola, e a outra entra com sete, mas já teve um ano de preparação, significa que nós vamos ter na sala de aula duas crianças com graus de conhecimento diferentes: uma já vai saber escrever o nome, já vai saber o abecedário, já vai saber um monte de coisas e, a outra, não. O que nós fizemos? Nós, a partir de agora, vamos ter todas as crianças entrando na escola a partir dos seis anos de idade, para garantir que todas as crianças tenham a mesma oportunidade, que é isso que vai garantir acabar com a diferenciação. Não tem criança burra ou criança inteligente, tem criança que às vezes tem um pai ou uma mãe em casa que sabe ensinar para ela a tarefa de casa, ela parece mais esperta; tem outra que o pai e a mãe são analfabetos e não conseguem ensinar para ela, e ela parece menos inteligente. Mas na hora em que a gente der, dentro da sala de aula, a mesma oportunidade, e o professor tratar essas crianças com carinho e procurar saber se elas estão ou não aprendendo a lição que ele deu, certamente nós vamos nos transformar num país de seres humanos iguais. Não iguais na cor, iguais no tamanho, na beleza, no credo religioso. Iguais nas oportunidades, que é isso que constrói a cidadania, é isso que permite que tenhamos a mesma chance.

Mas eu estou aqui hoje, também, para falar da companheira Moema. Ela está aqui há um ano e três meses, na prefeitura de Lauro de Freitas. Eu sei que já tem gente cobrando dela que ela deveria ter feito o que outros não fizeram em 20 anos, em 30 anos ou em 40 anos. Eu sei porque no Brasil é igual, durante 500 anos uma casta governou este país. Desde que Cabral aqui botou os pés, uma mesma casta governa o país. Aí, nós ganhamos as eleições, estamos com 30 e poucos meses de governo e eles querem que a



gente já tenha feito o que eles não fizeram em 500 anos para ajudar o povo deste país.

A Moema será medida, na sua administração, quando terminar o governo dela. A gente vai medir o que ela fez, o que os outros fizeram. No Brasil, enquanto o povo sofre... Vocês estão vendo, agora, nós não conseguimos aprovar o Orçamento da União. O Congresso Nacional ainda não aprovou o Orçamento da União. Sem o Orçamento, a gente não pode fazer todos os investimentos que precisa fazer. Nós estamos trabalhando para ver se os deputados e senadores votam o Orçamento porque, lamentavelmente, a maior desgraça do ser humano é a inveja, ou seja, eles não conseguiram fazer e eles não querem permitir que a gente faça, não querem permitir. E você pode ficar certa, Moema, que você vai ser vítima, aqui, dessa mesma coisa. Vocês conhecem quem já governou esta cidade ao longo dos últimos 30 anos, vocês sabem. Agora, de repente, essas pessoas vão dizer: “Ah, encheu de água, é por causa da Moema; não choveu, é por causa da Moema; choveu demais, é por causa da Moema; tem gente pobre, é por causa da Moema.” Quando, na verdade, vocês são testemunhas e, graças a Deus, Deus deu a vocês no dia da eleição a maturidade de eleger uma mulher desta competência para governar Lauro de Freitas.

Eu não conheço a Moema da política, não. Não foi na política que eu conheci a Moema, eu a conheci na porta de fábrica, eu conheci a Moema trabalhadora, sindicalista, que lutou para chegar onde está, para poder provar para as pessoas que é plenamente possível fazer mais do que já foi feito. Eu estou vendo aqui esta quantidade de mulheres. As mulheres, até a década de 30, não tinham direito a voto neste país. E, hoje, as mulheres já são capazes de eleger uma mulher deste nível, de eleger uma companheira prefeita. Não é fazer proselitismo da questão de gênero, não, porque tem mulher boa, mulher ruim, homem bom, homem ruim. O ideal seria que os dois fossem bons, esse seria o ideal. Mas, na política, tem gosto para tudo. O que eu quero pedir para



você é a compreensão de que esta mulher tem apenas um ano e três meses de governo, ela não pode ser responsabilizada por nada. Ela tem que ser ajudada a provar que a mulher de Lauro de Freitas tem tanto ou mais competência do que qualquer homem para governar esta cidade. É isso que vocês têm que provar.

É por isso – tem uma torcedora sua, ali, que está... Sabem o que acontece no Brasil, gente? Nós precisamos abrir a cabeça das pessoas para as pessoas não terem mais preconceito. O preconceito é uma doença – o preconceito contra o nordestino, o preconceito contra o pobre, o preconceito contra o negro –, ou seja, é preciso acabar com essa doença, isso é uma doença incurável, é preciso muito trabalho para a gente cuidar disso, para a gente poder transformar o nosso país num país mais justo, num país mais humano, num país mais solidário.

Veja, nós estamos inaugurando 239 casas, num país que precisa de muito mais casas, e nós sabemos da importância que a casa tem na vida de cada um de vocês. A casa é para nós como um ninho para o passarinho, ou seja, a casa é o nosso aconchego maior, é onde a gente vai cuidar dos nossos filhos, é onde a gente vai estar perto da escola, é onde eles vão construir amizades, vão estabelecer uma relação social na rua em que moram, por isso a casa é importante, e por isso nós damos prioridade às casas.

Mas a maior conquista, Moema, deste povo foi através do movimento dos Sem-Teto do Brasil. A maior conquista foi a aprovação, pelo Congresso Nacional, no ano passado, do projeto de lei de iniciativa popular que criava o Fundo Social de Habitação. No ano passado foi aprovada a lei, este ano nós colocamos um bilhão de reais para construir casas para as pessoas que não podem pagar absolutamente nada, para as pessoas pobres, definitivamente pobres. E nós resolvemos que, dentre os pobres, tem uma parte ainda mais pobre, que é o pessoal que mora em palafita. A palafita é a degradação maior de habitação do ser humano. Vocês sabem o que é? Aquelas pessoas que



moram em trapiche, na beira do mangue, em cima da água, moram, às vezes, num quarto e cozinha, ou melhor, num quarto só – ali é cozinha, dormitório, banheiro –, as crianças não têm onde brincar, não têm onde correr. Isso não é uma coisa nova, não. Josué de Castro, em 1946, quando escreveu o livro “Geografia da Fome”, já falava da pessoa que convivia, fazendo suas necessidades fisiológicas, o caranguejo comendo, e a pessoa comia o caranguejo e assim ia sobrevivendo.

Nós, então, estamos dedicando esse um bilhão de reais para a gente começar a acabar com as palafitas no Brasil, acabar com esse processo de moradia degradante, que é a palafita, no nosso território nacional. É por isso que nós vamos visitar Alagados, é por isso que nós fizemos em Brasília Teimosa, é por isso que nós vamos ao Maranhão, vamos a Santos, em São Paulo, porque o nosso desejo é, no menor espaço de tempo, garantir que as pessoas tenham o direito à casa.

Mas não é apenas a construção, não. Uma coisa que o Ministro das Cidades deveria falar, ou a Moema, ou a Caixa Econômica, e eu vou falar, é o seguinte: nós temos 900 mil títulos de terra para passar a escritura definitiva para o povo pobre que está num terreno que ainda não tem escritura. Veja, o pobre, quando está num terreno e não tem o documento de propriedade, ele não faz nenhum investimento. Por que ele não faz investimento? Porque ele tem medo de acordar um dia e a prefeitura estar derrubando a casa dele, a polícia estar tirando ele. Então, o que nós queremos fazer? São 900 mil títulos de terra para passar a escritura definitiva para o povo pobre que está num terreno que ainda não tem escritura. Veja, o pobre, quando está num terreno e não tem o documento de propriedade, ele não faz nenhum investimento. Por que ele não faz investimento? Porque ele tem medo de acordar um dia e a prefeitura estar derrubando a casa dele, a polícia estar tirando ele. Então, o que nós queremos fazer? São 900 mil títulos de terra, já demos 174 mil, vamos dar mais 900 mil, totalizando um milhão, 174 mil títulos de terra. Quando a



pessoa colocar o documentozinho da sua terra embaixo do braço, no dia seguinte vai comprar um tijolinho, vai comprar um saco de cimento e vai construir a sua casinha de tijolo para cuidar da sua família com dignidade e com decência. E isso já está acontecendo.

Hoje, nós íamos anunciar – vamos anunciar 400 títulos de terra lá nos Alagados – mas nós tínhamos uma área maior para anunciar, que não ficou pronta a papelada. Aí tem uma parte, Moema, que é da responsabilidade do prefeito, tem um parte que é da responsabilidade do governo do estado, tem uma parte que é da responsabilidade da União, do governo federal. E nós estamos trabalhando, as três partes, para que de forma combinada, prefeitura, estado e União trabalhem juntos. Aí, não importa que a prefeita seja do PT, do PFL, do PSDB, do PMDB, do PRN, não importa. Não importa que o governador seja de qualquer partido político porque, no Brasil, nós precisamos acabar com essa mania de, por conta das nossas divergências partidárias ideológicas... o povo não tem nada a ver com isso e o povo não pode sofrer a irresponsabilidade ou perseguição de um político.

Por isso, meus companheiros e companheiras, saímos daqui já um pouco atrasados para ir para os Alagados. Queria dizer para vocês que há muito tempo eu tinha vontade de vir a Lauro de Freitas. Há muito tempo eu queria vir aqui. Eu me lembro que uma vez eu desci no aeroporto, me colocaram em um carro, eu ia para Salvador, e tentaram me seqüestrar para trazer para cá. Houve um pampeiro ali no aeroporto e eu terminei não vindo para cá.

Mas estou vindo para cá, agora, em uma hora boa. Estou vendo as mulheres com uma cara de mais esperança, apesar do sol, estou vendo a minha companheira Moema feliz, até aprendeu a cantar, decorou para cantar para vocês aqui uma bela moda, e cantou bonito. O Gilberto Gil já me disse, ali do lado, que no próximo show dele já vai contratar a Moema e esta meninada toda. Se continuarem tocando assim logo, logo o Gilberto Gil também vai





convidar vocês para um show, que é para mostrar que a baianidade é uma coisa muito forte no ser humano brasileiro e, se tem uma coisa de que um baiano tem que se orgulhar não é apenas da sua praia, não é apenas da beleza da sua gente, é da riqueza cultural deste estado, é da beleza cultural da sua gente.

Eu digo, em todos os lugares em que vou: tem muitos lugares em que o negro não tem o orgulho que ele tem, de ser negro, na Bahia. Essa é uma conquista que levou muitos anos, muitos e muitos anos e vocês conquistaram praticando as coisas que vocês sabem fazer, enfrentando os desafetos, enfrentando os preconceituosos.

Portanto, eu queria terminar dizendo para vocês uma coisa: essa conquista que vocês tiveram, da baianidade de vocês, do alto nível de cultura deste estado é, possivelmente, o maior patrimônio que um povo pode conquistar. Pelo amor de Deus, não abram mão disso porque isso faz parte da independência de vocês.

Muito obrigado, meus companheiros. Muito obrigado, minha querida prefeita Moema.

Atenção, maestro por favor, atenção. Eu queria chamar aqui a nossa querida Sandra Paiva de Assis. Agora, me deram uma chave e eu acho que é a chave da casa da Sandra. Deixe-me ver se a Sandra está feliz de receber a casa dela. Para ter todos vocês como testemunha: a casa da Sandra é a de número 20, da quadra 1, é isso? Está feliz? Pode falar, já pediu para falar, logo, logo será candidata a alguma coisa aqui.